

**IDENTIDADE ESPADEIRA: A CONSTRUÇÃO DE UM ADJETIVO
CULTURAL E SOCIAL. QUEIMA DE ESPADAS DA CIDADE DE CRUZ DAS
ALMAS – BAHIA 1980-1990.**

ADRIANA DA SILVA OLIVEIRA

(Professora Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no Departamento de Ciências Humanas – Campus V, Santo Antonio de Jesus Bahia. E-mail: adriana_iso@hotmail.com).

Palavras-chave: identidade, experiência e comemoração.

Cruz das Almas – BA, município que está situado na região do Recôncavo Baiano, localizado a 146 km de Salvador, vivencia no mês de junho uma comemoração em homenagem a São João que já se consolidou como manifestação popular tradicional que engloba o município numa participação ativada de seus moradores, que fazem dessa manifestação uma simbologia que representa a cidade, e é responsável por definir os costumes e práticas representadas na Guerra de Espadas.

O município que tem uma população estimada em cerca de 57.098¹ habitante cultiva uma tradição que envolve a participação da população, assim a Guerra de Espadas produz uma identidade que é inerente dos participantes desta. Na cidade pode-se ver antes mesmo do mês de junho – é quando acontece a festa - por muitas ruas da cidade a preparação para a Guerra. Os moradores se envolvem de forma ou de outra, o que condiciona a transmissão da manifestação aproximadamente a quase um século atrás.

Dessa forma, este artigo, procura identificar as possíveis relações que existem com a comemoração cruzalense e os festejos devotados a São João, procurando assim, fazer a relação com as práticas empreendidas com os festejos que utilizavam o fogo como referencias e simbologias.

Outra importante relação está condicionada com a participação dos que fazem a festa, estas pessoas que não estão condicionadas a um mesmo perfil, ou seja, independem de idade, gênero, etc., se envolve de tal maneira que assumem uma identidade, e não apenas isso, legitimam esta através de seus posicionamentos e defesa da Batalha de Espadas.

¹ Estimativa da população 2009. Dados do IBGE: ver www.ibge.gov.br. Acessado em 4 de janeiro de 2010.

Os costumes adotados na prática da Batalha de espadas também estão relacionados com o saber fazer, esta prática não se distancia da vivência e da transmissão do ofício. Ser espadeiro é antes de tudo uma condição que envolve as experiências cultivadas e transmitidas na legitimação da festa. O município hoje é conhecido como a cidade das espadas, esta identificação ultrapassa as relações locais, levando a comemoração a ser percebida não apenas pelos moradores da comunidade, mais também a nível regional e até mesmo nacional. A Batalha de Espadas, inicialmente era feita para comemorar o São João, de forma a reunir os moradores da cidade, acabou transformando-se em uma manifestação que elucida a curiosidade, passa por âmbitos que conduzem a uma representatividade singular. Tem características que se expressa no cultivar, rememorar, transmitir e no regulamentar das ações, produzem uma identificação comunitária, envolvendo a vivência e história de Cruz das Almas.

Pensar na Guerra de Espadas possibilita um estudo de uma manifestação não apenas cultural mais também histórica. É identificar na população o sentido de pertinência e manutenção da festa. É viabilizar a compreensão da conservação da tradição, não distanciando seu sentido e re-significações ao longo do tempo. A cidade vivencia uma trajetória que se caracteriza pela socialização de hábitos e experiências. Assim podem-se perceber as relações e práticas sociais (CHARTIER, 1995, p. 171) encontradas nessa manifestação que envolve todo um sentido cultural e que carrega algumas especificidades em sua vivência. Um memorialista da cidade coloca que ela – as espadas - seria, “espetáculo digno de ver-se essa orgia louca de fogos, que cedo se inicia, intensificando-se gradualmente, para atingir o ponto máximo em intensidade e beleza quando jovens, adultos e quase crianças empenham-se nestes novos fogos florais, a esgrimirem em combates singulares”².

As vivências e experiências são as características marcantes nesse festejo de São João, englobando aspectos que variam desde a identificação dos participantes, as regulamentações que procuram organizar a Batalha de Espadas, as memórias que estão presentes nas experiências da comunidade, dão a esta manifestação sua importância para

² A respeito da história e características dos primeiros anos de formação do município podem ser encontradas referências na obra do memorialista Mario Pinto da Cunha, com o título de Aquarela de Cruz das Almas de 1983. Esta obra trás elementos significativos para a apreensão de como foram se formado a comunidade, bem como seus primeiros habitantes, configurações políticas etc. CUNHA, Mario Pinto da. Aquarelas de Cruz das Almas. Bahia 1982.

a cidade e faz com essa seja identificada por essa expressão cultural, que é construída concomitantemente com a história de Cruz das Almas e é refletida até os dias de hoje.

A Guerra de Espadas está inserida dentro de uma gama de simbologias, identificações, que podem ser percebidas sob óticas diferentes, a partir da concepção que cada observador tem a respeito da festa. Desta forma, o fazer parte, está envolvido é muito mais do que se caracterizar e participar, remete a toda uma criação, toda uma legitimação tanto social quanto cultural que dá sentido ao sujeito que a faz.

O nome Guerra de Espadas inicialmente conduz a imaginar um combate com armas de ferro, pessoas vestidas a caráter – como nos tempos medievais -, prontas a defender algo, mas quando traduzimos essa simbologia para a comemoração junina que acontece em Cruz das Almas - BA percebe-se um misto de identificação – estas presentes na participação, estímulo e perpetuação da manifestação - que fora se construindo nessa expressão cultural, algo que é ao mesmo tempo bonito e perigoso. Em uma perspectiva histórica Jean Delemeau (1989, p. 18) em História do Medo no Ocidente cita que:

É provável que os cavaleiros de outrora, impulsivos, habituados à guerra e aos duelos e que se lançavam com impetuosidade nas disputas, fossem menos conscientes do que os soldados do século XX dos perigos do combate, e, portanto menos sensíveis ao medo.

Tomando como exemplo a fala de alguns dos participantes da festa, que expressam suas emoções e identificações, independente dos danos que esta possa causar é possível analisar em que âmbitos se dão essas impressões:

Estamos acostumados, se eu me queimar, passo no hospital e volto, esbraveja
Joselito Santos, 40 anos.
Não é só tradição é um vício, uma paixão, quase uma doença. Garanto que ela não morre comigo, Agnaldo Machado, 50 anos³.

A identidade espadeira diz respeito principalmente aos que se encontram na Guerra de Espadas e a faz acontecer, os participantes dela. Toda guerra precisa de soldados e esta não seria diferente. O que de fato é interessante ressaltar aqui é a figura e representação que o participante ou “espadeiro” tem ou carrega dentro da manifestação. A identidade espadeira configura-se não apenas na sua participação na festa, mas também nas representações estabelecidas, seja na sua postura, ações, discursos, dentre outros elementos.

³ Jornal A TARDE, do dia 25 de junho de 2003. Fala de alguns moradores da cidade que participam da guerra de espadas e demonstram sua emoção e devoção ao festejo.

Fazer parte da festa é abrir-se a possibilidades de integração e inserção que aponta para aspectos distintos, o que concede uma identidade ao participante. Características são marcantes nestes posicionamentos, principalmente por aglutinar elementos singulares que transitam entre o ser parte e fazer parte. “Para a história não são as memórias e identidades os pontos centrais, mas as suas respectivas representações nas experiências e expectativas de vida” DIEHL, (2002, p. 113).

Aspecto de suma importância para a valorização e o avivamento da memória histórica, seria o *Reconhecimento*. Reconhecer seria dar caráter legitimador a um fato histórico, a uma manifestação. Esse reconhecer também estaria ligado ao legitimar. Desta forma, quando as ações dos participantes da manifestação cultural passam do ato de comemorar para também ser parte, melhor, fazer parte, eles então se atribuem disso para atestá-la como verdadeira, aí se pode afirmar publicamente as identidade e reminiscências. “O reconhecimento é essencial para a sobrevivência social e emocional” (TONSOM, 1997, p. 57).

E são a partir dessas experiências que o sujeito histórico delimita sua atuação em determinadas manifestações. Manifestações essas que existem em função da atuação dos sujeitos, formando assim uma recíproca no que diz respeito à interdependência e a vivência. As concepções que são empreendidas construíram ao longo do tempo toda uma representatividade que pode ser percebida nas atribuições demarcadas pelos participantes. Desde quando as denominações se estabelecem como ponto de identificação, ou adjetivação, essas fazem desse sujeito o centralizador da manifestação. Tudo gira em torno desse sujeito, sua existência é o fundamento da festa. Assim o seu reconhecimento enquanto detentor de um lugar na comemoração o faz ser o representante que a consolida.

A repercussão que a Guerra de Espadas tem hoje vem garantindo cada dia mais, a sua execução, no entanto ela não acontece apenas em função disso. Para a sua realização, é necessário que o ofício de espadeiro, a confecção e também o tocar espadas seja passado, não importando se isso aconteça em âmbito público ou privado, ele é transmitido de forma que a cada ano outras pessoas aprendam e possam dar continuidade a essa tradição. As gerações são preparadas para serem os novos espadeiros, aqueles detentores do saber, saber fazer as espadas, tocá-las, apresentá-las.

Desta forma, esse passar, dar continuidade, está imbricado com uma identidade que esses sujeitos históricos legitimam e defendem. Defender no sentido de corroborar a manifestação, defendendo a sua existência, de forma que representatividade seja acolhida como elemento característico do município e da comunidade como um todo. Podemos assim perceber na fala do senhor Pascoal, homem de 95 anos que passou quase toda sua vida presenciando esta manifestação, suas transformações e visões diferenciadas dadas pela sociedade:

Minha fia eu não vou te ensinar como é que faz não, porque você é uma moça e não pode mexer com essas coisas não. Desde minha meninice é que eu vejo essas espadas, desde quando eu morava lá perto da Mata, a Mata era isso tudo aqui. Vinha até perto daqui onde eu moro hoje⁴.

Quando perguntado se ele fabricava as espadas confirma que sim, mas que nunca se arriscava, em ir para o meio delas.

Eu sempre fiz as bichas, a gente ia pegava o barro, a pólvora e o bambu... Mais eu não vou ensinar pra você como é que faz não, porque é muito perigoso. Eu não ensino ninguém mais a fazer. Eu era moço, aquela praça lá ficava cheia, era só de brincadeira, hoje esse povo que não tem ciência das coisa, faz tudo como quer... antes era só de brincadeira de São João...⁵

Assim é perceptível na fala de seu Pascoal a sua participação na festa, como ele descreve o seu desenrolar, o depoimento deste senhor faz remeter a sua visão a respeito da Guerra de Espadas em momentos diferenciados. Interessante aqui é quando ele cita “*antes era só de brincadeira*”, demonstrando mudanças pela qual a Guerra de Espadas passou durante o tempo.

Como em toda transformação de grandes impactos, as circunstâncias que acabam sendo ocasionadas no São João de Cruz das Almas também trazem polarizações e dicotomias, hoje há um grande distanciamento das antigas “formas de fazer” a festa, muitas pessoas inexperientes se apropriam da fabricação das espadas de forma a arriscar suas vidas e de outros. A venda das mesmas caiu num círculo restrito de condições econômicas. Fazer espadas hoje e apresentá-las na praça se tornou um veículo de lucratividade.

⁴ Entrevista feita com Senhor Pascoal, homem de 95 anos, funcionário aposentado da prefeitura, onde foi jardineiro quase toda sua vida. Entrevista realizada no dia 13 de fevereiro de 2008, na cidade de Cruz das Almas.

⁵ Idem .

Outra questão que chamou atenção neste depoimento foi a menção que o depoente faz a todo o momento a respeito de não ensinar a fazer as espadas. Quando iniciada a entrevista ele se mostrou um pouco com receio de fazê-la, pensando que o objetivo era aprender a fazer as espadas. Nota-se neste sentido a preocupação que o depoente tem, quanto ao respeito da segurança e dos perigos que a Guerra de Espada pode proporcionar a quem queira fazer parte dela.

Nessa perspectiva, que colocam culturas características de um local como bem de comercialização em prol de uma dinâmica econômica é que circundam a Guerra de Espadas de Cruz das Almas. Embora haja ainda alguns outros elementos significativos do tradicional São João. Ainda se pode encontrar em algumas localidades rurais resquícios de festejos juninos de outrora, onde as casas eram enfeitadas, havendo visitas recíprocas no dia do santo. É na década de 1980 para 1990 que essa mudanças se apresentam mais significativamente, sobretudo, por ser esse período o momento de desenvolvimento econômico da cidade. Mas o que prevalece, no entanto é a propagação da Batalha de Espadas como elemento atrativo para a realização da festa, hoje feita em condições diferenciadas das de antigamente, muitos podem ser esse espadeiro, muitos querem ser reconhecidos por esse adjetivo.

Assim perceber as especificidades da comemoração, seus elementos, e, sobretudo a experiências dos sujeitos é possível através desta busca de informações de tempos anteriores das memórias e recordações que os participantes tem da festa. Buscando justamente essas expressões explicitamos a fala de Dona Olga Santos, em entrevista ao jornal A Tarde:

Embora não toque os artefatos, dona Olga Santos é uma das mais profundas conhecedoras do assunto. Aos 86 anos, ela conta que desde pequena é fascinada pelo colorido e beleza das espadas, tendo filhos especialistas na fabricação. “É tudo muito bonito, vem gente até de São Paulo para assistir. Acho perigoso, mais a beleza compensa. Para tudo dar certo é preciso dedicação, pois não é qualquer um que obedece a todo o processo de feitura”, avisa. “Ainda pequena eu saía correndo para assistir à guerra. Tudo fica iluminado e os meninos ficam envoltos de uma luz, Sempre foi um espetáculo maravilhoso”, recorda⁶.

⁶ Jornal A Tarde, 25 de junho de 2003.

Testemunhos como este é que concedem a Guerra de Espadas legitimidade e garantem a transmissão desta às futuras gerações. Porém, outro lado também tem que ser descrito e analisado. Da mesma forma em que uma boa parte da comunidade legitima e aprecia a Batalha de Espadas, muitos moradores da cidade a condenam. Assim temos relatos não apenas de períodos recente, de desaprovação e descrédito da manifestação:

LEMBRAI-VOS DE 1955

Há dois anos desta coluna clamei contra a irresponsabilidade dos tocadores de “busca-pé”. É uma maneira estúpida de se brincar pondo em perigo a integridade física do próximo. Naquele ano uma bomba quase mutilava um moço e uma casa comercial virava pelo avesso se não fosse a intervenção divina que protegeu um quarteirão de casas humildes⁷.

Nem só apenas de boas recordações e memórias estão envolvidas as características da Guerra de Espadas. Estas se fazem desde seus primeiros vestígios de ambigüidades e visões diferenciadas. Assim: “se a memória é instantânea construtora e solidificadora de identidades, a sua expressão atua como instrumento e objeto de poder(es), quer mediante a seleção do que se recorda, , consciente ou inconsciente, se silencia” (CATROGA, 2001. p. 55).

Neste aspecto a utilização social da memória é que vai apontar para a sua construção tanto cultural quanto histórica. Em se tratando de comemorações essas aglutinam características de universalizar os valores construídos na comunidade, para assim se utilizar destes significados no presente. “Comemorar significa, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento (...), a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal” (SILVA, 2002, p. 8).

Como já citado anteriormente a construção histórica de Cruz das Almas se funde com a Guerra de Espadas, desde suas apresentação como elemento característico e identitário do município, que agrega formalização de cultura inerente e edificada pela comunidade, sejam através de representatividades favoráveis ou não para a manifestação. Neste sentido as memórias e experiências, significam desde a prática empreendida na comemoração como a sua perpetuação e legitimação social então estabelecida.

⁷ Jornal Nossa Terra 23 de junho de 1957.

O envolvimento pessoal e comunitário que a Guerra de Espadas acaba suscitando e, sobretudo a integração social na construção de uma identidade e valorização de uma tradição, constroem uma memória compartilhada e vivenciada, que dá a Guerra de Espadas seu caráter agregador e representativo para a comunidade cruzalmeno e tem como agente centralizador o sujeito denominado espadeiro. Assim não podemos pensar em Guerra de Espadas, apenas levando-se em consideração a sua dinâmica individual. Ela perpassa pelas relações de coletividade que dão sentido a manifestação por esse caráter pluralizado, em que se podem encontrar diferentes elementos, diferentes sujeitos sociais, diferentes tempos e espaços, mas que aglutinados dão sentido e características inerentes à manifestação. Neste sentido Antônio Astor Diehl (2002, 112) coloca que: “A sociabilidade comunitária permite o nascimento da tradição, em que o coletivo e o individual se fundem, dando origem ao fundo anímico comum, capaz de ser transmissível às futuras gerações”.

Essa consciência de fazer parte, ou mesmo ser elemento centralizador da Guerra de Espadas, faz destes sujeitos históricos transmissores de uma cultura característica, o cultural que está intrinsecamente ligado com a experiência, e esta sendo cultivada de forma que sua perpetuação seja garantida. Constrói-se dessa forma uma relação de adjetivação, em que as pessoas que fazem parte da batalha de espada, os espadeiros garantam a visibilidade da manifestação.

Os perigos a que são submetidos os participantes da festa não os limitam de fazer parte desta, estes assumem os riscos mesmo sabendo das conseqüências que ela pode representar. Ainda citando a fala de Seu Pascoal ele faz referência a uma cunhada sua que sofrera um acidente por conta da espada na sua juventude:

Ta vendo essa aí, quando era moça foi mexer com que não devia, ficou assim. Perdeu os dedo, ainda bem que não teve muita coisa. Trabalhou assim a vida toda. Depois desse dia nunca mais mexeu com espada. Espada é uma bicha perigosa e essa que o povo faz hoje né igual as do meu tempo não.⁸

Da mesma forma que Seu Pascoal descreve sua visão a respeito das Espadas e dos espadeiros, em âmbito local e regional essas visões são descritas nas diferenciadas concepções. Podendo ser percebidos nos periódicos de circulação local e regional cada

⁸ Idem 4.

um demonstrando sua visão, apresentando uma concepção a respeito da Guerra de Espadas.

A cidade de Cruz das Almas tornou-se muito conhecida não só em todo o estado da Bahia, mas, em quase todo o Brasil, através dessa batalha de espadas que se faz realizar aqui, todos os anos, em comemoração ao dia de São João. Embora esta seja uma brincadeira perigosíssima onde centenas de pessoas saem queimadas e feridas e às vezes provocam até mortes, não afugentam no entanto, os foliões do centro do combate. Pelo contrário, atraí mais ainda as pessoas para cima da batalha. As crianças, os jovens, os velhos e até as mulheres.

(...)

A guerra de espadas que é travada em Cruz das Almas, em pleno centro da cidade, é realmente um espetáculo muito bonito embora perigoso.

Os espadeiros atravessam a multidão com as suas espadas já em chamas, fazendo exibições, colocando-as sobre a cabeça, nas pernas e até na boca em sentido horizontal; tudo isto sendo feito porque a esta altura, já estão inconscientes devido ao excesso de licor que vem tomando⁹.

Esta citação acima foi extraída de um jornal local. Pode-se perceber o posicionamento tomado. Apesar de constatar os perigos ao qual a Guerra de Espadas pode proporcionar, ela é reverenciada como elemento de atração turística e econômica para o município. A coragem e destemor dos espadeiros são colocados como ações de entusiasmo, denotando a representação que estes personagens têm dentro da história da manifestação. Entretanto, quando observadas as reportagens de jornais de circulação regional e até mesmo nacional, esta imagem da Guerra de Espadas e de seus participantes se tornam, totalmente diferenciadas. Os posicionamentos são contrários e em alguns casos até mesmo agressivos.

A violência, mais uma vez, foi um dos fatores marcantes do São João de Cruz das Almas.

Mas, apesar de tudo, a população de Cruz das Almas foi às ruas para participar da “guerra”. Os “combatentes” com roupas apropriadas (capacete, botas, luvas, jalecos, houve inclusive quem usasse roupa de amianto), soltaram cerca de mil dúzias de espadas, na praça principal e todas as ruas do centro da cidade, que foram transformadas em “praça de guerra”¹⁰.

Admirada por uns, pelo belo espetáculo pirotécnico que proporciona, e condenada por outros, a “guerra de espadas”, em Cruz das Almas, mesmo considerada como um ato de selvageria, é uma tradição, incorporada de forma veemente aos festejos juninos da cidade¹¹.

⁹ Matéria escrita pelo Professor João Silva. A guerra de espadas de Cruz das Almas – Tribuna Popular / Junho de 1990.

¹⁰ Jornal A Tarde 26 de junho de 1980.

¹¹ Jornal A Tarde 15 de junho de 1986.

A cultura empreendida pela representação é um dos âmbitos que fazem parte da configuração histórico-cultural e social que a Guerra de Espadas desempenha. Neste sentido as práticas e representações são elementos de suma importância na percepção das características que constroem se legitimam e vinculam a Guerra de Espadas. A esse respeito Francisco Falcon (2002, p.60) coloca:

Práticas Culturais

De certa maneira, temos aqui a cultura objetivada – o conjunto de obras, realizações, instituições que conferem originalidade e/ou autenticidade à vida de um grupo humano, inclusive seus usos e costumes, nem sempre imediatamente dados.

Representações Culturais

Neste caso a cultura apresenta-se como resultante de algum tipo de ação (mental, espiritual, ideológica, como queiram) das práticas culturais sobre o respectivo grupo humano considerado (nas práticas), quer em seus aspectos coletivos quer, eventualmente pelo menos, em seus componentes culturais. Trata-se assim, de cultura como representante coletiva e também expressão de algum tipo de finalidade inerente à própria cultura.

As práticas e representações na Guerra de Espadas estão presentes, de forma marcante, principalmente no que diz respeito à identidade, esta relação que se delimita nas ações dos sujeitos, traduzem-se nas posturas que estes assumem frente às visões e posicionamentos exteriores a esse costume. A festa em si, o realizar da Guerra de Espadas caracteriza esta prática cultural, desempenhada e legitimada ganha assim este caráter, devido à disposição e vontade de seus participante, os espadeiros.

Independente das causas ou conseqüências que a Guerra possa gerar aos seus participantes, ele continuam a fazê-la. Culturalmente a Guerra de Espadas já faz parte de um cotidiano que se legitimou através de uma prática constante. Desta foram criou-se uma identidade própria, definida na legitimação da experiência e na vivência e valorização da Batalha de Espadas como elemento tradicional da comunidade cruzalmense.

Nesta perspectiva um elemento que irá garantir a transmissão da manifestação seja com características distintas ou englobando novos elementos serão as memórias e as recordações que os sujeitos fazem e mantém vivas no seu cotidiano. Concedendo desta

forma a criação de um adjetivo que identifica os participantes, que são os elementos centralizadores do festejo junino.

REFERÊNCIAS

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Editora Quarteto, 2001, pg. 55.

CHARTIER, Roger. “**Cultura popular**”: Revisitando um conceito historiográfico. Estudos históricos, vol.8, nº 16. Rio de Janeiro, 1995.

DELEMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lucia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIEL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: Memória, Identidade e Representação**. Baur, SP: EDESC, 2002.

FALCON, Francisco José Calazans; DEL PRIORE, Mary. **História cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **UMA NOVA ABORDAGEM DA MEMÓRIA PELA HISTÓRIA**. Revista Brasileira de História v. 22 n.44 São Paulo 2002, pg. 8.

TOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as memórias**. Proj. História, São Paulo (15). Abril 1997.